

Antropólogos e folcloristas que se dediquem ao problema da fusão de culturas ameríndias e ibéricas em nosso continente encontram no livro uma mina de informações. A folcloristas pouco familiarizados com os modernos métodos de pesquisa a obra oferece diretrizes bastante seguras para um trabalho mais eficiente. Abundantes indicações bibliográficas auxiliam o estudioso a aprofundar-se nas questões específicas que o interessem mais de perto. Uns tantos verbetes, em particular os que tratam da indumentária, da alimentação, de festas e diversões populares, podem ser tomados como pontos de partida para pesquisas futuras, mais sistemáticas. Alguns deles valem por si sós como pequenas monografias. E há, espalhada pelo volume, uma série de desenhos ilustrativos e alguns mapas muito úteis de distribuição geográfica dos elementos culturais de maior importância. Os numerosos verbetes biobibliográficos, em geral acompanhados do retrato do respectivo folclorista, viajante ou escritor, não se limitam a uma apresentação informativa, mas orientam-se predominantemente por uma linha de análise crítica, por vezes, aliás, bastante severa.

O dicionário documenta de forma palpável uma surpreendente riqueza e variedade de manifestações culturais em território relativamente pequeno, como o é o do Equador.

Egon Schaden

*

HELMUT SCHOECK e JAMES W. WIGGINS, ed.: *Relativism and the Study of Man*. X + 259 págs. D. Van Nostrand Company, Inc. Princeton, 1961. (Preço: US\$ 6.50).

Como se indica no prefácio, o presente volume resultou de um simpósio sobre o relativismo, que congregou doze representantes de dez disciplinas. O lugar da reunião não é indicado. Cada participante submeteu aos demais, antes da primeira sessão, um artigo que foi discutido por todos, e que, depois de revisto pelo autor, se integrou no texto definitivo. O propósito principal dos membros do conclave foi de fixar os limites do relativismo cultural e social, e chamar a atenção para os perigos que comporta a extensão desta perspectiva, além de seu "domínio legítimo", ao campo dos valores humanos.

"Absolutes, Relativism and the Scientific Psychology of Human Nature" chama-se o artigo de Leonard Carmichael, que é autoridade em psicologia infantil, mas que não lança mão dos conhecimentos que tem nesse terreno para estear sua posição anti-relativista. O Prof. Conway Zirkle, que é botânico, escreve sobre evolução humana e relativismo, visando provar que, assim como as espécies vencem ou sucumbem na concorrência vital, há culturas destinadas ao êxito ou ao malôgro, não se podendo, pois, considerá-las como iguais. O título da contribuição de Eliseo Vivas, "Reiterations and Second Thoughts on Cultural Relativism", é perfeitamente adequado. Este filósofo e crítico literário, que escreveu longamente sobre o assunto, não faz mais do que reiterar argumentos que se repetem por toda sua obra, e que reaparecem coçados até a trama. Helmut Schoeck, na sua dupla qualidade de antropólogo e sociólogo, julga que a difusão de idéias relativistas pode ser nefasta à correta aplicação das leis e à formulação de políticas sadias pelos poderes públicos. J. V. Langmead Casserley ocupa-se do relativismo do ponto de vista teológico, condenando-o, como era de se esperar.

Até aqui todos os pronunciamentos são contrários ao relativismo. O conhecido economista Ludwig von Mises, no entanto, defende, em certa medida, sua aplicação à ciência econômica. Há em seu artigo várias observações agudas e pertinentes, sobretudo

as que dizem respeito ao uso dos termos racional e irracional que fazem Max Weber e outros (págs. 124-129). É digna de nota a sentença final: "Aquêle que discorda dos ensinamentos da economia deveria procurar refutá-los por meio do raciocínio discursivo, não por meio de insultos, insinuações e apêlo a supostos padrões éticos arbitrários" (pág. 133). Leo Strauss contribui com uma interessante exposição de algumas teorias relativistas da filosofia contemporânea. Com muita habilidade, não assume pessoalmente posição, mas, seguindo o raciocínio de alguns às últimas conseqüências, ou confrontando doutrinas que se chocam, insinua a sua inanidade. "Some Reflections on the 'Relativistic' Meaning of *Wertfreiheit* in the Study of Man", de Bruno Leoni, contém algumas das melhores páginas da coletânea. É uma lúcida clarificação de um aspecto da metodologia de Max Weber, leitura útil para qualquer cientista social.

Os dois últimos artigos resenhados constituem o ponto alto do livro. Dos que se lhe seguem, "Adventure into the Unknown: Relativist 'Man-Afraid-of-His-Mind'", de James C. Malin e "Relativism and Social Control", de John W. Tietz, aduzem novas razões para lançar-se anátema contra o relativismo. Mario Pei acha que o relativismo pode ser aceito em lingüística com grandes precauções, circunspecção e conservantismo. No escrito que serve de fêcho ao volume, Richard M. Weaver diz que a linguagem, embora sendo uma convenção, obriga absolutamente. Há modos certos e errados no uso da língua, que não devem ser abalados por nenhum conceito relativo.

O esforço de reunir êste simpósio e publicar êste livro revela da parte dos que o fizeram um intuito de combate. O ímpeto dêsse punhado de bravos contra a hidra do relativismo revela-se afinal, à luz da análise desapaixionada, singularmente inconclusivo. Nenhum nega a validade do método relativista nas ciências sociais. Mas a pretensão de traçar limites à sua aplicação efetiva salda-se por um malôgro. A atitude da ciência em face dos preceitos morais é de neutralidade, como o diz von Mises, sob aplausos do Conselheiro Acácio. Se algum cientista passa do relativismo metodológico ao relativismo ético, o faz por sua conta e risco, sem comprometer a validade do método. Esta se comprova pela fecundidade de resultados, na busca serena da verdade, que o autor desta resenha está pronto a admitir como um valor absoluto.

Em troca da doutrina perniciosa que tanto o escandaliza, o anti-relativista nada tem a oferecer. Quem o diz é o próprio Eliseo Vivas, num trecho que é transcrito no original, com vistas a não falsear o seu pensamento: "(...) we can expose the fallacies and incoherences of cultural relativism, but we cannot offer the relativist a clearly defined set of criteria by means of which we can order in a hierarchy the cultural pluralism that confronts us" (pág. 70). Enquanto não vem esta panacéia, o antropólogo e o sociólogo continuarão a usar, de consciência tranqüila, o relativismo como uma das armas de sua panóplia.

Ruy Coelho

*

JEAN HURAUULT: *Les Noirs Réfugiés Boni de la Guiane Française*. 362 págs., com ilustrações e mapas. Institut Français de l'Afrique Noire. Dakar, 1961.

Durante os séculos XVII e XVIII, principalmente neste último, escravos fugitivos formaram grandes grupos no interior das Guianas e, muito numerosos, atacaram e devastaram as plantações das proximidades, até que finalmente os brancos se viram obrigados a negociar com êles, a fim de obterem paz. Reconhecida sua independência, fixaram-se ao sul da Guiana Holandesa, em pleno "deserto humano" da floresta amazônica. Não só viveram isolados, como se habituaram a extrema reserva em suas re-